

NÚCLEO DE GRAVURAS RUPESTRES PROTO-HISTÓRICAS DESCOBERTO A N. DO CABO DA ROCA: BREVE NOTÍCIA

Élvio Melim de Sousa

Em Maio de 1985 foi detectado, junto ao litoral e perto do Magoitao (freg. de S. Joao das Lampas, concelho de Sintra, Distr. de Lisboa), a escassos quilómetros a N. do Cabo da Roca, um pequeno núcleo de gravuras rupestres. Desde logo o Museu Regional de Sintra tomou conhecimento do facto através de oportuna informação prestada pelos descobridores, Maria Helena e Júlio Correia Guedes. Visitado o local, constatámos a efectiva existência de dois blocos líticos com gravuras, nitidamente rituais e de possível origem proto-histórica. Para o estudo aprofundado dos monumentos foi então decidido contactar um especialista em arte rupestre, tendo a escolha recaído no Arqtº Mário Varela Gomes. Este, depois de um exame directo, confirmou a importância do achado e atribuí-o, se bem que provisoriamente, à Idade do Ferro. Em consequência, programaram-se os necessários trabalhos de campo, os quais serão orientados por aquele arqueólogo, que oportunamente publicará na íntegra os resultados, deles tirando as conclusões que julgar convenientes. Quanto a nós e na qualidade de Conservador do Museu de Sintra, pretendemos apenas apresentar algumas sumárias considerações, sobretudo relacionadas com o enquadramento regional dos vestígios.

O conjunto de blocos decorados situa-se a cerca de 11 km. a NNE. do Cabo da Roca, numa zona conhecida por *Pedras Negras* ou *Laje Erguida*, concretamente a 170 m. a SW. do marco altimétrico das *Insumas* e a 70 m. acima do nível médio das águas do mar (fig. 1a). Em volta distribuem-se numerosas estações arqueológicas, dos mais diversos períodos: (1) vestígios paleolíticos no próprio local e a SSW., até cerca de 600 m. (BREUIL/ZBYSEWSKI, 1945, págs. 209-226); (2) concheiros do Paleolítico Superior ou

do Mesolítico, a cerca de 900 m e na mesma direcção (id., *ib.*, *loc. cit.*); (3) povoado calcolítico da *Pedranta*, a 3 km. para NNE. (CAMARATE FRANÇA/VEIGA FERREIRA, 1958, pág. 74); (4) monumento funerário calcolítico da *Samarra*, a 300 m a N. da estação anterior, implantado sobre a margem direita e junto à Foz da Ribeira da *Samarra* (id., *ib.*); (5) povoado neolítico e calcolítico da *Catribana*, cerca de 2 km. a montante da foz da referida ribeira e na mesma margem (CUNHA SERRÃO, 1982/83, págs. 11-21); (6-8) vestígios calcolíticos e campaniformes nas *Covas*, *Outeiros* e *Pombal* (Casal de Pianos), entre 1,5 km. e 2 km. para NE. das gravuras rupestres (CARDIM RIBEIRO, 1980-81); (9) urna cinerária da Idade do Ferro, ocasionalmente descoberta no *Pinhal dos Cochos* (Magoito), a cerca de 1 km. para SE. das gravuras [peça inédita, conservada no M.R.S. (MG/BF/81/1)]; (10-14) vestígios romanos no *Fetal*, *Pombal*, *Parede Bem Feita*, *Camalhão* e *Torres* (Casal de Pianos), entre 2 km. e 2,7 km. para NE. (CARDIM RIBEIRO, 1980-81); (15) idem, no *Castelo da Catribana*, fronteiro ao povoado pré-histórico da *Catribana* (APOLINÁRIO, 1895, pág. 239; CAMARATE FRANÇA/VEIGA FERREIRA, 1958, pág. 75); (16) sepulturas romanas de inumação, a 750 m a E. do *Pinhal dos Cochos*, nos *Espadamaís* (estação inédita); (17) necrópole tardo-romana nas *Torres* (Casal de Pianos) [CARDIM RIBEIRO, *op. cit.*]; (18) moeda árabe descoberta no pátio do Casal de Pianos, a cerca de 2 km. para NE. (id., *ib.*). Se continuássemos por N., para S., ou por E., outros tantos vestígios poderiam ser mencionados, denunciando a grande riqueza arqueológica de região. Tal facto apenas comprova, afinal, a contínua e densa ocupação humana deste território. Porém, como constatámos, até agora apenas aí se de-

rectou uma estação sensivelmente contemporânea das gravuras; o que não obsta a que através da supracitada peça, uma urna cinerária, possamos supôr a respectiva necrópole envolvente, a qual, por sua vez, nos obriga a ter em conta a existência de um povoado próximo, ainda não descoberto.

As gravuras em análise localizam-se, na sua maior parte, sobre a face superior (2 m x 1,5 m), aliçada, de um bloco de borneira rija, que aflora entre as areias circundantes; aquela face permanece voltada a S. e inclinada em cerca de 60° relativamente à linha de terra. Sobre a face frontal de um outro bloco (de idêntico material e com dimensões aproximadas, mas orientado de modo diverso), que emerge apenas a 5,3 m. do primeiro e a meio de um pequeno declive para onde parece ter escorregado, encontram-se patentes mais alguns vestígios.

A textura altamente fariável do suporte lítico em causa obriga-nos a supôr a eventualidade de terem os blocos permanecido muito tempo subterrados, porquanto as gravuras se apresentam bastante nítidas e em relativo bom estado de conservação. A acção eólica teria, porventura, ao longo dos séculos, mantido a superfície gravada alternadamente coberta e descoberta, o que nos é possível acreditar se considerarmos, em simultâneo, os ventos marítimos predominantes que ali se fazem sentir e o predonderante carácter arenoso do terreno. Algumas truncagens, bem como a pátina que cobre irregularmente as gravuras, não chegam, assim, a prejudicar de modo significativo a integridade do conjunto.

Descrevamos, em seguida, os motivos gravados:

— Bloco principal, que passaremos a designar por 1º bloco [fig. 2a]: (1) quadrante inferior direito (para o observador)— figura antropomórfica masculina, de braços erguidos (alt. máx. 41 cm.; larg. máx. 31 cm.) e com os respectivos órgãos sexuais representados; (2) quadrante superior direito —alguns traços de interpretação incerta, separados da figura anterior por um cavado sulco horizontal; (3) zona medial assinalada por um vincado sulco curvilíneo, que atravessa verticalmente o monólito; (4) zona medial e início do quadrante superior esquerdo— depois do supracitado sulco desenham-se dois círculos radiados (26 cm. de diâmetro; 8 raios cada) a alturas diferentes mas em regular sequência; (5) quadrante inferior esquerdo —integralmente preenchido por uma série de linhas paralelas (18 ao todo), que se desenvolve a partir do extremos inferior do segundo círculo; (6) zona extrema do quadrante superior esquerdo —cruz latina (22 cm. x 18 cm.), rodeada por al-

guns pontos (8 ao todo). Ainda neste bloco, na zona medial superior e em parte sobreposto aos motivos já descritos, vê-se um mequeno conjunto de sulcos verticais, inferiormente rematados por fundas depressões circulares.

— 2º Bloco [fig. 2b]: (1) metade direita —ocupada por sulcos verticais rematados por depressões circulares, idênticos aos anteriormente descritos; (2) metade esquerda (quadrante superior)— círculo radiado igual aos do 1º bloco.

Tentativa de aproximação ao conteúdo simbólico da cena gravada [fig. 3]

1º bloco

- figura masculina de braços erguidos —orante;
- círculos radiados-astros, muito provavelmente o sol em diversas posições;
- linhas paralelas-ondas do mar;
- e ainda, talvez,
- sulco horizontal sobre a figura antropomórfica —linha do horizonte entre terra e céu;
- sulco curvilíneo e medial —linha de costa;
- cruz latina —outro símbolo astral, porventura uma estrela.

Estaríamos, desta forma e essencialmente, perante a representação de um orante rendendo culto e contemplando o firmamento, sobretudo o curso do Sol (cujo movimento nos será insinuado pelas diferentes mas sucessivas alturas dos círculos), o qual consumará o respectivo ocaso ao mergulhar nas ondas do mar (momento que nos parece estar sugerido através da aproximação tangencial do segundo círculo ao primeiro dos traços paralelos.

2º bloco

Este outro símbolo astral deve estar, de algum modo, relacionado com a cena que acabámos de descrever. Não pomos completamente de parte a hipótese de constituir este 2º bloco um mero —ainda que avantajado— fragmento do primeiro, o qual prolongaria de forma a que o presente círculo se inserisse naturalmente no supracitado contexto, porventura sobre o orante e representando o zénite solar; donde teríamos de concluir achar-se hoje o 2º bloco não só deslocado e truncado, mas também talvez em posição invertida. Torna-se ainda aliciente

confrontar esta sugestão, que implica a primitiva existência de uma assinalável superfície lítica gravada emergindo do solo, com o topónimo local *Laje Erguida*. Outras hipóteses permanecem, no entanto, viáveis; o que não impede que consideremos pertinente a oportuna análise comparativa dos contornos dos monólitos, praticável, por exemplo através das respectivas moldagens.

Os sulcos e as depressões circulares patentes em ambos os blocos, que na principal superfície gravada mutilaram parcialmente a zona central da cena antes descrita, serão conseqüentemente posteriores. Dispensamos-nos, aqui, de tentar interpretar a sua função e /ou significado.

Atendendo à tipologia das gravuras-base e ao modo como entre si se articulam, cremos poder aceitar, *a priori*, a hipótese cronológica adiantada por Varela Gomes, ou seja, a atribuição desde monumento rupestre à Idade do Ferro.

A interpretação e cronologia antes sugeridas induzem-nos a recordar aqui o célebre passo de Estrabão (III. 1. 5.; cfr. SCHULTEN, 1952, págs. 46, 91-92 e 138-139)¹ que, com base em Posidónio e acerca do Ἱερὸν ἄκροτεριον... refere uma antiga tradição local aparentemente relacionada com devoções de tipo similar às expressas nas gravuras da *Pedra Erguida*: a do Sol aumentar no momento do respectivo ocaso e de produzir um ruído característico ao extinguir-se o fogo do astro em contacto com as águas do mar, motivo, pois, de adequado culto (cfr. LEITE DE VASCONCELLOS, 1905, págs. 100-101).

Também. An. Floro [*Epit.* I. 33. 12 (cfr. GROSSE, 1959, pág. 288)]² se reporta a algo de similar ao descrever as apreensões de *Dec. Junius Brutus* quando, ao encontrar-se junto à foz do *Oblivionis flumen*, presenciou, com certo «terror e receio de sacrilégio, o sol cair no mar e a chama apagar-se-lhe nas águas» (LEITE DE VASCONCELLOS, *op. e loc. cit.*).

¹ Estrabão III 1.5: «λέγειν γάρ δὴ φησί Πολλοῦδ, μείζω δυνεὶν γον ἠλιον ἐν τῇ Παρωκεαντιδὶ καὶ μείω φοφου ΠαραΠλησιωδ, ὡσαυεὶ σιζοντοσ τον Πελαγουσ κατὰ α_βεσιν αυτον δια το ἐμπιΠειν εἰσ τον βυθοσ.»

² An. Floro, *Epit.* I. 33. 12: «*Decimus Brutus aliquantulum latius Celticos Lusitanosque et omnīs Callaeciae populos formidatūmque militibus flumen oblivionis, peragratoque victor Oceani litore non prius signa convertit quam cadentem in maria solem obrutumque aquis ignem non sine quodam sacrilegii metu et horrore deprendit.*»

Estes dois episódios relatam crenças idênticas, vigentes em regiões extremas da orla atlântica peninsular e sensivelmente contemporâneas, o que até certo ponto nos autoriza a supor que este tipo de convicções era então comum aos habitantes de toda a costa ocidental da Ibéria. Assim sendo, adquirirá maior pertinência a nossa interpretação relativa à cena gravada sobre o 1º bloco do conjunto rupestre em análise. Aliás, a região do Cabo da Roca apresenta outros indícios de cultos astrais, atribuíveis a diversas épocas, os quais, em conjunto, evidenciam o carácter intrinsecamente sagrado que os povos da Antiguidade conferiam àquele território. Procuraremos demonstrar, com exemplos —escalonados desde os mais antigos aos mais recentes —a afirmação que acabámos de fazer [fig. 1 b):

1. A detecção de um ídolo cilíndrico em calcário, proveniente da *tholos* calcolítica da Folha das Barradas (Sintra) [cfr. RIBEIRO, 1880, pág. 83], sobre o qual se vê esculpido um crescente lunar que já Leite de Vasconcellos (1897, págs. 105-106) relaciona com cultos siderais.

2. o facto da serpente poder estar, no ocidente da Península e pelos menos durante o primeiro milénio a. C., relacionada com o culto solar (cfr., *v. g.* CUEVILLAS/BOUZA BREY, 1929, págs. 130 ss.) considerando-se correlativamente que a Serra de Sintra e o Cabo da Roca eram designados, no séc. VI a. C., por (*Promontorium*) *Ophiussae* (Avieno, *Ora Marit.* vv. 171-172 (cfr. SCHULTEN, 1959, págs. 72, 102 e 157).

3. A proposta adiantada por Cardim Ribeiro (1986), que relaciona o prefixo da forma toponímica **Suntria* —deductível de *Castrum Suntrium*, versão patente em Osberno [*De Expugn. olisip.* (cf. OLIVEIRA, 1936, págs. 59-60, 108-109, texto latino)] e antecessora das formas portuguesas *Sintria-Sintra* —com o radical indoeuropeu **suen*— *sun*, «sol» (cfr. ALBERTOS FIRMAT, 1966, pág. 211); na mesma comunicação refere ainda aquele autor a recente descoberta, sob o aglomerado urbano de Sintra, de vestígios arqueológicos proto-históricos, os quais se coadunarão cronologicamente com a hipótese de fazer remontar o supracitado topónimo, na sua forma original, aos finais de Idade do Bronze.

4. O facto do cavalo poder ser considerado como um símbolo solar entre os indoeuropeus (cfr., *v. g.* THEVENOT, 1968, págs. 151-152; BLÁZQUEZ, 1977, págs. 252 ss.; VRIES, 1963, pág. 189; cfr. ainda, sob uma perspectiva geral, CHEVALIER-GHEERBRANT, 1982, págs. 230 e 231), atendendo-se correlativa-

mente à identificação da Serra de Sintra como espaço ideal relativo ao «mito lusitano» das éguas que pariam ao vento (Varrão, *Res. Rust.* II. 1. 19; Columella, *De re rust.* VI. 27. 7 — cfr. GROSSE, 1959, págs. 99, 166 e 167 (cfr. ainda BERMEJO BARRERA, 1982, págs. 87-100; FIGUEIREDO, 1947, págs. 77-79).

5. A designação de Σελήνης ὄρος ἄκρον referida por Ptolomeu (III. 5. 3) e aplicável, respectivamente, à Serra de Sintra e ao Cabo da Roca.

6. A existência de um santuário romano — do qual possuímos testemunhos epigráficos remontáveis apenas a finais do séc. II d. C — inícios do séc. III. — consagrado ao Sol e à Lua (*Soli et Lunae/Soli aeterno Lunae*) e implantado junto ao litoral, a pouco mais de 6 km. a N. do Cabo da Roca., sobre a margem esquerda e junto à foz do Rio de Colares [cfr. *C. I. L.* II 258 e 259 (OLLANDA, 1571, fl. 25 — SEGURADO, 1970, págs. 115, 218-219)].

Ao concluir poderemos pois afirmar que as gravuras rupestres descobertas na *Laje Erguida* se enquadrarão, muito provavelmente, numa tradição cultural regional, porventura remontável a níveis pré-históricos, a qual se terá desenvolvido, sob diversos aspectos e segundo características próprias inerentes às sucessivas épocas e respectivas culturas, durante as Idades do Bronze e do Ferro, prolongando-se, inclusive, até séculos tardios do período de ocupação romana e assumindo estas características verdadeiramente oficiais (ÉTIENNE, 1974, págs. 511-512)

Fontes Clássicas

AVIENO, *Ora Maritima* — (cfr. SCHULTEN, 1955).

COLUMELLA, *De Re Rustica* — (cfr. GROSSE, 1959, págs. 163-171).

ESTRABÃO, *Geografia de Iberia* — (cfr. SCHULTEN, 1952).

FLORO, (L. An.), *Epitomae* — (cfr. GROSSE, 1959, págs. 287-290).

OSBERNO, *De Expugnataione Olisiponis* — (cfr. OLIVEIRA, 1936).

PTOLOMEU, *Geographia*, edit. C. Müller, Paris, 1883.

VARRÃO, *Rerum Rusticarum* — (cfr. GROSSE, 1959, págs. 95-103).

Bibliografia

ALBERTOS FIRMAT, M. L. (1966): *La Onomástica Personal Primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*, Salamanca.

APOLINARIO, M. (1895): «Antiguidades do Concelho de Cintra», *O Archeologo Português*, I, Lisboa, págs. 237-239.

BERMEJO BARRERA, J. (1982): *Mitología y Mitos de la Hispania Prerromana*, Akal Edit., Madrid.

BLÁZQUEZ, J. M. (1977): *Imagen y Mito*, Madrid.

BREUIL, H. e ZBYZEWSKI, G. (1945): «Contribution à l'étude des industries paleolithique du Portugal», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXVI, Lisboa, págs. 209-226.

CAMARATE FRANÇA, J. e VEIGA FERREIRA, O. (1958): «Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XXXIX, Lisboa, págs. 61-86.

CARDIM RIBEIRO, J. (1980-81): «A plataforma de Pianos (S. Joao das Lampas). Notas histórico-toponímicas», *Jornal de Sintra*; 17, 24 e 31 de Outubro; 7, 14 e 21 de Novembro; 5, 12, 19, e 26 de Dezembro; 9, 16, 23, e 30 de Janeiro; 6, 13, 20, e 27 de Fevereiro; 6, 13, 20, e 27 de Março; 3, 10, 17, e 24 de Abril; 8 de Maio.

CARDIM RIBEIRO, J. (1986): «Vestígios arqueológicos pré-medievais na área urbana da Vila de Sintra, comunicação proferida na Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa)», resumo publicado in *Jornal de Sintra*, 1987; 20 e 27 de Fevereiro; 6 de Março.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. (1982): *Dictionnaire des Symboles*, 2ª ed. Paris.

CUEVILLAS, F. L. e BOUZA BREY, F. (1929): «Os oestrímnios, os Saefes e a Ofiolatria em Galiza», *Arquivos do Seminario de Estudos Gallegos*, II, Coruña.

CUNHA SERRÃO, E. (1982-83): «As jazidas arqueológicas de Catrívana e o dólmen de "Pedra Erguida"», *Sintra*, I-II, Sintra, págs. 11-28.

ÉTIENNE, R. (1974): *Le Culte impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste a Dioclétien*, 2ª ed. Paris.

FIGUEIREDO, F. J. A. (1947): «O Município Romano de Lisboa e a Serra de Sintra», *Lisboa e Seu Termo*, vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, págs. 71-79.

GROSSE, R. (1959): «Las Fuentes desde César hasta el siglo V d. J. C.» (= *Fontes Hispaniae Antiquae*, VIII), Barcelona.

HÜBNER, E. (1869): *Inscriptiones Hispaniae Latinae (Corpus Inscriptionum Latinarum, II)* Berlim (= C. I. L. II).

LEITE DE VASCONCELLOS, J. (1897): *Religiões da Lusitania*, I; 1905, II; Lisboa.

OLLANDA, F. D' (1571): *Da Fabrica que faleçe ha Cidade de Lysboa*, cod. conservado na Biblioteca da Ajuda, Lisboa — (cfr. SEGURADO, 1970).

OLIVEIRA, J. A. (1936): *Conquista de Lisboa aos Mouros (1147). Narração pelos Cruzados Osberno e Arnulfô...*, 2ª ed. Lisboa.
 RIBEIRO, C. (1880): *Notícias de Algumas Estações e Monumentos Prehistóricos*, Lisboa.
 SCHULTEN, A. (1952): *Estrabón. Geografía de Iberia (=Fontes Hispaniae Antiquae, VI)*, Barcelona.

SCHULTEN, A. (1955): *Ora Marítima (=Fontes Hispaniae Antiquae, I)*, 2ª ed. Barcelona.
 SEGURADO, J. (1970): *Francisco d'Ollanda*, Ed. Excelsior, Lisboa.
 THEVENOT, E. (1968): *Divinités et Sanctuaires de la Gaule*, Fayard, Paris.
 VRIES, J. DE (1963): *La Religion des Celtes*, Ed. Payot, Paris.

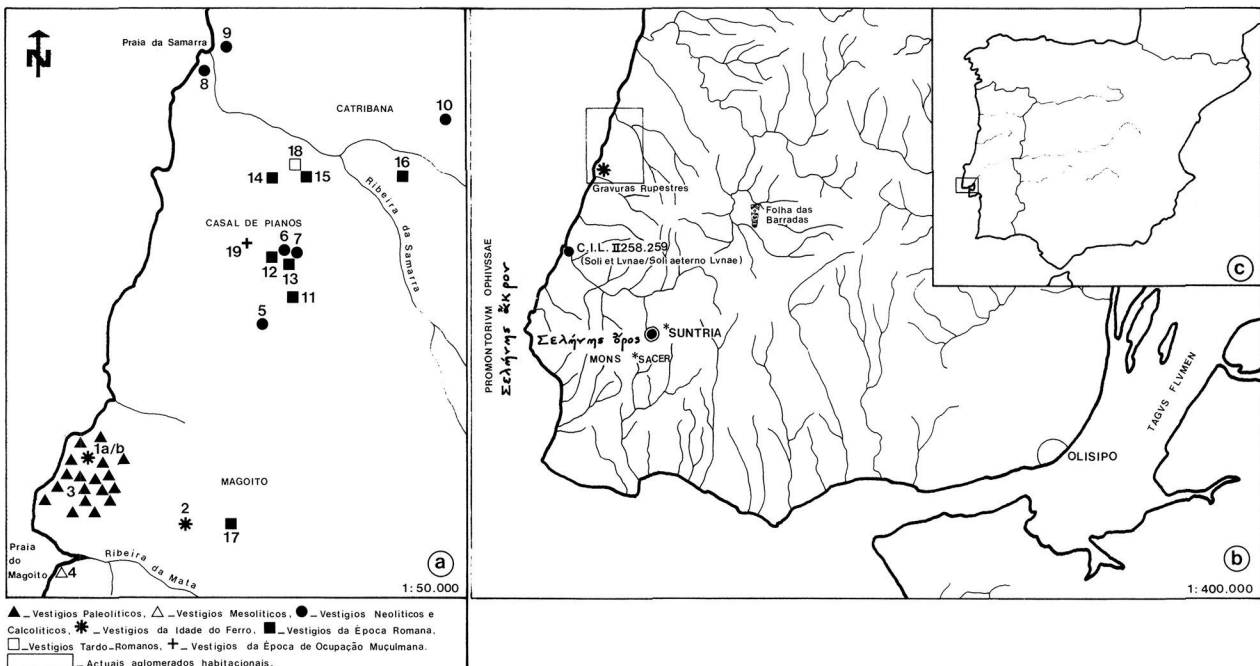
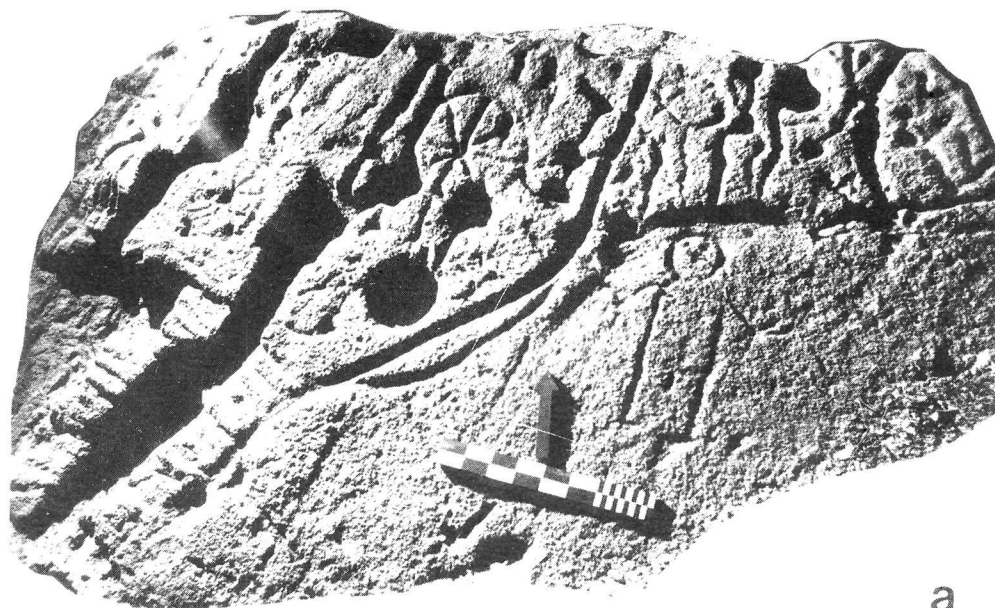


Fig. 1. a) Enquadramento arqueológico do núcleo de gravuras rupestres da *Laje Erguida*: 1a/b, *Laje Erguida* (1º e 2º blocos); 2. *Pinhal dos Cochos* (urna cinerária); 3. dunas consolidadas do *Magoito* (artefactos paleolíticos avulsos); 4. concheiros; 5. *Outeiros* (vestígios campaniformes avulsos); 6. *Pombal* (idem); 7. *Covas* (artefactos de pedra polida avulsos); 8. povoado calcolítico da *Pedrantia*; 9. monumeanto funerário da *Samarra*; 10. povoado calcolítico da *Catribana*; 11. *Fetal* (necrópole de incineração); 12. *Pombal* (vestígios romanos avulsos); 13. *Parede Bem Feita* (idem); 14. *Camalhão* (idem); 15. *Torres* (idem); 16. *Castelo da Catribana* (vestígios romanos); 17. *Espadanais* (sepulturas de inumação); 18. *Torres* (necrópole de inumação); 19. *Casal de Pianos* («direme»).

b) Enquadramento hierológico regional do núcleo de gravuras rupestres da *Laje Erguida*.

c) Localização na Península Ibérica, do supracitado núcleo de gravuras rupestres.



a



b

Fig. 2. Núcleo de gravuras rupestres da *Laja Erguida*: (a) 1º bloco; (b) 2º bloco.



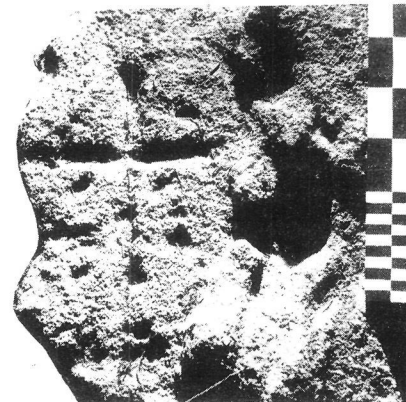
a



b



c



d



e

Fig. 3. Pormenores de algumas das figurações patentees no núcleo de gravuras rupestres da *Laje Erguida*: a) imagem antropomórfica masculina, «orante» (1º bloco); b) círculo radiado, «sol» (1º bloco); c) círculo radiado tangente a uma série de linhas paralelas, «ocaso solar no oceano» (1º bloco); d) cruz latina rodeada por pontos, «símbolo astral»? (1º bloco); e) círculo radiado, «sol» (2º bloco).